



★★  
Crítica // Wicked

Muita coisa estranha acontece no filme de Jon M. Chu

Ricardo Daehn

Revogação de permissões (do ensino) dentro da sociedade e disseminação de preconceitos (que, pelo menos, serão aplainados na trama): estas são duas premissas no livro de Gregory Maguire que afunila a origem das bruxas que dão norte ao enredo de *O mágico de Oz*, clássico musical extraído da literatura de L. Frank Baum. O norte porém vem com direções antagônicas: considerada modelo, a Bruxa Boa do Sul, na telona, será vivida por Ariana Grande; enquanto a Bruxa Má do Oeste ganha as feições de Cynthia Erivo. *Wicked* — com roteiro de Stephen Schwartz (criador do musical), Winnie Holzman e Dana Fox — chega aos cinemas com a assinatura de Jon M. Chu.

Muito da ação se dará na Universidade Shiz (com quê de *Harry Potter*). A escalação das colegas de dormitório não se prova das mais felizes, uma vez que — ainda distantes de juízos de valores definitivos de boa e má — Galinda (Ariana) se mostra radiante e frívola, enquanto Elphaba sente na pele (verde), no relato “dos caminhos que se cruzam”, o

amargo castigo de bullyings e desprezo. Conhecer o Mágico de Oz (Jeff Goldblum) é uma possibilidade, a partir da detecção do potencial de Elphaba, que é temida e invejada. É bem verdade que, num processo de aceitação haverá, numa festa juvenil à la *Carrie* (1976), o estranhamento que bebe da cena da pista de

dança frequentada por Wandinha (da série Netflix).

Seria injusto integrar *Wicked* à luz do rastro irretocável do clássico (de 1939) *O mágico de Oz* (entre os 10 maiores filmes de todos os tempos segundo votação de especialistas do American Film Institute). Ambas as atrizes do filme atual — com alguns números

gritados e vozes que saem das gargantas — estão descoladas da ingenuidade juvenil da intérprete de Dorothy, Judy Garland, aos 16 anos. Mesmo com uma edição falha, que se apega a quase duas horas e 40 minutos, *Wicked* consegue canalizar focos de interesse e popularidade, recorrendo a ingredientes de fitas como



Cynthia Erivo dá charme especial a *Wicked*

## Voo rasante que tangencia fiasco

Com duração excessiva e muito descolado da magia empregada pelo clássico *O Mágico de Oz*, o novo longa *Wicked*, apoiado por Cynthia Erivo e Ariana Grande, chega embalado em musical

*Meninas malvadas*, *Barbie* (na estética) e *As patricinhas de Beverly Hills*. Fatores de risco sempre foram bem precisos no cinema de Jon M. Chu (vide a originalidade de *Em um bairro de Nova York*). John Powell, o cocriador de cantorias de *Shrek* e *Happy Feet*, também figura nas criações musicais.

Trazido dos palcos de espetáculo de 2003, recebido com muitas ressalvas, *Wicked* é calibrado por uma orquestração pomposa e irritante. Mesmo que distanciado do acabamento brilhante da trama do filme comandado por Victor Fleming, a existência de animais cultos (encarregados de ensinamentos para humanos), a qualidade dos figurinos, em particular os da vencedora do Oscar Michelle Yeoh (ótima, na pele da misteriosa Madame Morrible) e a interpretação da música em que se desafia a gravidade (com Cynthia Erivo voando alto, na interpretação de *Defying gravity*) são acréscimos positivos. Bem no princípio, os efeitos especiais ficam tuteantes, quando da aparição dos macacos alados. Mas Vossa Ozidade (como é chamado Oz) há de encontrar um feitiço para perdoar.